

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 931	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 28
Portugal (franco de porte, (m. forte)	34800	16900	8950	6120	10 DE NOVEMBRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	44000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	24500	—	—		



SOARES DOS REIS

de merito, verdadeiras glorias nacionaes, um devotadissimo á sciencia em que foi mestre, Sousa Martins, o outro tamanho quanto desgraçado, artista genial, o auctor do *Desterrado*, obra prima com que se apresentou na patria logo depois da sua volta de Roma, artista sem emulo no seu tempo em Portugal, o escultor Soares dos Reis.

Pois não é verdade que, falando-se d'estes dois grandes portuguezes, pôde a gente por um momento esquecer os tabacos e os phosphoros e toda a celeuma que por ahí vae, visto tratar-se de dinheiro, o que é para muitos o mais grave? Não pode a gente esquecer tambem um bocado que ha ainda por essas praias uns representantes da sociedade em que a gente se diverte e que ainda festas, bailes, concertos e toiradas por lá não acabaram? Não podemos deixar para mais tarde considerações sobre a falada tolerancia do jogo, que já deu azo a dois ou tres artigos no mais lido jornal de Lisboa?

E' sempre tão agradável poder falar de grandes homens, poder elogiá-los que não perderam ensejo de exaltá-los perante os contemporaneos, dizendo o que lhes devem e de apontá-los aos que hão de vir como limpadas glorias do nosso tempo!

Assumptos não nos faltavam hoje para a chronica, desde a viagem de El-rei, marcada para o dia 12, até outra viagem bem differente, final d'uma comedia grotesca, a dos 59 emigrantes portuguezes fugidos da cadeia de Vigo. Mas descançaremos um dia d'essas viagens de bicho fantastico, insecto meio borboleta, meio besoiro, adejando sobre flôres perfumadas e quanta vez tambem sobre as podridões que despertam curiosidade. O noticiario deve ser de todas as côres; mas a chronica



ESTATUA DE SOARES DOS REIS — Esculptura de Teixeira Lopes

## Cronica Occidental

Dois assumptos se nos impõem desde já. Tenham paciencia os generaes russos e japonezes, heroicos sitiados ou defensores de Porto-Arthur; tenham paciencia os diplomatas inglezes e russos que tratam do caso de Hull; o general André e o sr. Combes, se por milagre souberem da minha chronica, não se escandalisem que eu os ponha de parte nas graves questões de espionagem no exercito francez e da denuncia da concordata. As celebridades que vêm visitar o theatro D. Amelia dispensarão hoje o meu reclamo e até os srs. ministros progressistas e as eleições municipaes me não darão o trabalho de percorrer as folhas politicas para sobre elles e ellas contar o que se diz.

E' que, realmente, os dois factos de que vou falar são de tal ordem e de tão poucos precedentes n'um paiz como o nosso, que, desde ha seculos, creou a triste fama de crear ingratos; é que de tal forma consolam, n'um tempo em que só reinam desconsolações; é que, por esse motivo, ha tantos de quem dizer bem, que até me parece um sacrilegio molhar a mesma pena no mesmo tinteiro, para em linguadões cortados pela mesma forma, em vez de vícios contar virtudes, em vez de trapaças falar de sciencia e de arte, em vez de narrar crimes elogiá-los homens.

Fizeram excepção á regra geral os que em Lisboa e no Porto, longe de esquecerem beneficios, quizeram que o paiz inteiro conhecesse dois homens

d'hoje deveria ser toda d'uma só, da mais opulenta cor d'uma esplendida aurora gloriosa.

Sousa Martins e Soares dos Reis, ambos tiveram agora sua merecida consagração: o grande medico no livro *In Memoriam*, publicado pelo seu grande amigo Casimiro José de Lima e colaborado por muitos homens de letras e de sciencia portuguezes e estrangeiros; o grande artista, na estatua que ha dias foi inaugurada em sua terra natal, Villa Nova de Gaia, e cujo modelo, devido ao talento de Antonio Teixeira Lopes, pudemos admirar n'uma das ultimas exposições nas salas do Convento de S. Francisco.

Convidado para colaborar no livro em homenagem ao sabio professor da Escola Medica, aceitei o encargo que era honroso, e no humilde artigo, que mais humilde ainda me pareceu entre tantos assignados pelos melhores nomes na sciencia e na litteratura portugueza, descrevi os principios de Sousa Martins, quando, ainda com pouco nome, ainda sem grandes rendimentos, se sujeitava a subir os quatro lanchos de escada do Collegio da Conceição, até á aula de physica, onde nos ensinava a introdução á historia natural. Dos primeiros e mais entusiasticos admiradores que elle teve fomos nós, que o vimos despontar e adivinhámos n'elle intuitivamente o astro que havia de ser.

Como o tempo vò! Como é longe de todos nós aquella aula de que sahiámos, contentes do menor elogio que merecessemos ao mestre! Devo ao dr. Vicente Monteiro a fineza de me haver entregue os meus themas d'esse tempo, que elle encontrára guardados por Sousa Martins, talvez como recordação de dias arduos de sua vida, mas, ainda assim dos melhores, pois que eram de mocidade.

Tinha elle então vinte e cinco annos. Usava a cabelleira negra muito longa e sob ella a testa scintillava, scintillavam os olhos, scintillavam nos seus labios as palavras que nos dirigia. Que lhe importava que fosse de quasi crianças o auditorio? A mina das perolas era inexgotavel, inexgotavel a graça d'aquelle espirito; e perolas e graça tudo nos dava, uma riqueza, em troca d'uns miserios mil réis que ia receber ao escriptorio no fim de cada mez.

Ali começou sua generosidade, e generosidade que havia de tornal-o tão querido de todos e o levava as deshoras para um trabalho difficil junto da cabeceira d'um pobre.

Sob todos seus aspectos sympathicos o livro agora publicado nol-o vem mostrar, homem de sciencia, homem de acção, cheio de todas as virtudes, espirito finissimo, coração d'oiro. Por todos os lados que o encaramos Souza Martins seduz sempre, enthusiasma muitas vezes.

Que boa acção praticou o sr. Casimiro José de Lima dando a conhecer o homem cuja morte encheu de saudades quantos o haviam conhecido e deixou nos corações um vazio que jámais pode preencher-se! A melhor luz de seu reinado lhe chamou o sr. D. Carlos no telegramma de pesames que enviou á familia do grande homem, apenas soube que para sempre ella se havia apagado; de luto se podia vestir a nação, que lhe morrêra quem sempre a honrara, aqui trabalhando ou nos congressos lá fóra, causando assombro por seu vastissimo talento e não vulgares conhecimentos.

Morreu muito respeitado e muito querido, talvez com saudades da vida. Fez bem a muita gente e todos choraram por elle. Foi uma morte feliz; foi um descanso depois de trinta annos de trabalho constante.

A mesma sorte não coube ao outro consagrado de ha dias, Soares dos Reis. Esse foi um vencido.

Quando a sr. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, conforme o contou n'um artigo do *Reporter*, encontrou pela ultima vez o artista, viu-o tão cabido, tão invadido pela melancolia que lhe falou da arte como da grande consoladora. E elle respondeu-lhe:

—Consola de muito, mas não consola de tudo. E dias depois espalhava-se a noticia do suicidio d'aquelle pobre desgraçado que tantas obras primas deixou em legado á sua terra.

Nascido em Villa Nova de Gaia, foram os seus patricios quem tomaram a iniciativa da homenagem agora prestada a seu talento. Fóra escultor, uma estatua lhe ergueram. O auctor do monumento não podia deixar de ser Teixeira Lopes, patrio de Soares dos Reis e seu discipulo.

Da acertada escolha resultou que mais uma obra d'arte podemos com orgulho mostrar aos estrangeiros que visitam Portugal e assim distrahir sua attenção de verdadeiros sacrilegios que por ali se tem feito invocando o bom gosto e a civilisação.

Entre os convidados para a festa, que se reali-

sou no dia 30 de outubro, estava Ramalho Ortigão que leu um bellissimo discurso sobre a arte em Portugal e lamentou que toda a obra d'arte, que tão carinhosamente nos fóra legada por nossos avós, houvesse sido pelas vereações tão maltratada. Lembrou os antigos arcos da cidade burgueza. Tudo destruido, tudo abandonado! E como foi substituido!

E' de temer que tanto Ramalho Ortigão seja escutado agora como o foi Almeida Garrett pelos vereadores de Santarem. Mas ao menos o protesto ficou, e proclamado n'um momento solemne, aquelle em que, com a colaboração d'um colossal artista portuguez se prestava homenagem a um dos melhores artistas da nossa terra.

O desgraçado Soares dos Reis não podia haver sido mais inspiradamente representado. Sua obra prima, o *Desterrado*, esse lhe devia ser modelo. Tão certamente o concebeu assim Teixeira Lopes, que, por pouco que a vida seja conhecida do que lhe foi mestre e conhecida a sua obra, parece que d'outra maneira a estatua não podia ser executada.

Fez-se justiça a um grande talento. Lembrar o que elle soffreu pode servir de lição aos que vierem. A justiça a um morto é o que ha de mais doloroso, mas parece que ainda é dever maior.

E o mais que se passou n'estes dez dias ficará para a chronica que vem, se ainda valer a pena.

João da Camara.

## MONUMENTO A SOARES DOS REIS

No dia 30 de outubro, findo, realisou-se em Villa Nova de Gaia a inauguração do monumento a Soares dos Reis levantado no largo de D. Pedro V por iniciativa d'uma comissão de amigos e admiradores do notavel escultor e de que foi presidente outro escultor insigne, o Sr. Teixeira Lopes, o inspirado auctor do monumento.

Portugal acaba de pagar assim a sua divida de honra a esse grande talento que tanto o ennobrecu e honrou.

Educado nos restrictos limites d'uma mediania de recursos que o não deixaram d'esde logo seguir as suas aspirações artisticas, a sua carreira foi laboriosa emquanto o grande artista se não evidenciou em trabalhos, em que já não era possível obscurecer o nome do seu genial auctor.

Foi então que, como o sol rompendo o denso nevoeiro d'uma manhã de inverno, o nome de Soares dos Reis appareceu em toda a pujança do seu brilhantismo, e, desde esse dia, as conquistas do seu genio artistico deram-lhe o prestigio que ainda alem-tumulo aureola essa sublime individualidade perante a qual todos hoje se descobrem.

Logo cinco dias depois da sua morte reuniu o extinto «Centro Artístico Portuense» para se assentar a forma de levar a effeito a crecção d'um monumento a Soares dos Reis, resolvendo-se que o local escolhido deveria ser o atrio da Academia Portuense de Bellas-Artes, publicando-se um album phototypico das obras de Soares dos Reis, afim de que o seu producto liquido fosse applicado ás despesas do monumento. Publicou-se o album e d'uma edição de 500 ex.º apenas se vendeu metade, fugindo com tal resultado a esperança de se erigir o monumento a Soares dos Reis no atrio da Escola de Bellas-Artes.

Não abandonaram entretanto a ideia tres homens que lhe eram verdadeiramente dedicados: Diogo José de Macedo Junior, José Fernandes Caldas e Camillo José de Macedo, porem esses filhos de Villa Nova de Gaia como Soares dos Reis, pensaram desde logo em que o monumento ali fosse erigido no largo de D. Pedro V.

Cuidando que seria cousa facil obter recursos para esse monumento metteram hombros á empresa, porem as desillusões foram grandes.

Em 1890, aproveitada a auspiciosa estreia que Teixeira Lopes, discipulo de Soares dos Reis, obtinha na sua primeira exposição no Porto, fizeram lembrada a proposito do discipulo a obra do mestre e dirigiram-se-lhe a pedir a sua cooperação, ao que Teixeira Lopes accedeu prometendo a sua colaboração artistica gratuita.

Tendo tambem os iniciadores obtido a adhesão de João d'Affonseca Lapa e do pae de Teixeira Lopes, ficou constituída a comissão promotora do monumento, que em dezembro de 1890 reuniu pela primeira vez, elegendo como presidente José Joaquim Teixeira Lopes; vice-presidente, José d'Affonseca Lapa; secretario, José Diogo de Macedo Junior, e vogaes José Fernandes Caldas e Camillo José de Macedo.

A crise monetaria que seguiu a sedição de 31 de janeiro de 1891, fez com que a comissão adiasse o seu emprehendimento, porem, na inauguração solemne da exposição agricola industrial de Gaia, na qual Teixeira Lopes creara uma secção com todos os trabalhos que poude reunir de Soares dos Reis conseguiu realizar alguns donativos e obter o auxilio de El-Rei D. Carlos, a quem a comissão se dirigiu no recinto da Exposição offerecendo-lhe um album photographico dos trabalhos de Soares dos Reis.

Em 14 de outubro de 1894, anniversario de Soares dos Reis, foi lançada a pedra fundamental do monumento, sendo esta solemneidade concorridissima e organisando-se um cortejo civico, que de imponente mais pareceu uma apothese ao genial escultor.

De perto foi seguida a construcção do pedestal, mas apesar de todas as boas vontades oito annos ficou elle esperando a estatua por falta de recursos para se proceder á sua fundição, sendo necessario que novos elementos entrassem para a comissão, a fim de que a segunda tentativa não abortasse como a primeira.

A comissão inauguradora estava assim composta ao presente:

Presidencia da Camara de Gaia, dr. Arthur Ferreira de Macedo e Antonio Teixeira Lopes; presidente honorario, José Joaquim Teixeira Lopes; presidente, João d'Affonseca Lapa; vice-presidente, Camillo José de Macedo; thesoureiro, Diogo José de Macedo Junior; 1.º secretario, José Gonçalves da Silva Mattos; 2.º secretario, dr. Maximiano de Oliveira Lemos; Alfredo José Torquato Pinheiro, Antonio da Rocha Romariz, José Fernandes Caldas, José Teixeira Lopes e Ramiro Bastos Mourão.

A cerimonia da inauguração do monumento ao auctor do *Desterrado* foi uma affirmação solemnisima de que o escultor insigne se não teve mais cedo o seu padrao de gloria, nem por isso ella deixou de fulgir com maior brilhantismo sobre esse nome já consagrado.

A estatua inaugurada é mais uma obra do talento de Teixeira Lopes. O insigne escultor escolheu a posição do *Desterrado*, a obra prima de Soares dos Reis, para a sua estatua, porque o *Desterrado* é uma allusão ao seu auctor que n'aquella figura parece ter querido representar o estado do seu espirito.

## Viagem de S. S. Magestades a Inglaterra

Está marcado para o dia 12 do corrente a partida de S. S. M. M. para Inglaterra.

Pelo que se lê na imprensa periodica esta viagem é o pagamento da visita ao soberano inglez, e, não só a corte e o mundo official, mas todas as classes da sociedade ingleza, se preparam para fazer um caloroso acolhimento a El-Rei o sr. D. Carlos e a S. M. a Rainha, testemunhando assim pelo nosso paiz o reconhecimento á forma gentil e aos delicados sentimentos de hospitalidade como aqui foi recebido Eduardo VII em abril do anno passado.

Em Londres nota-se grande enthusiasmo com a visita dos monarchas portuguezes e em Windsor houve uma reunião em que foi resolvido ornamentar as ruas com bandeiras e festões durante a estada dos soberanos no castello que está destinado a sua residencia.

O castello de Windsor, é um dos mais vastos e ricos em obras d'arte que os monarchas inglezes ali tem reunido no caminhar dos tempos.

Successivas tem sido as reconstrucções e ampliações que os reis de Inglaterra tem feito n'aquelle castello, pelo que sua architettura participa de varios estylos consoante ás epochas d'essas reconstrucções. A mais notavel, porém é a de Jorge III, que em 1724 restaurou a edificacão, dispendendo mais de vinte e um milhoes.

Não obstante Windsor ser uma cidade do condado de Berks, a uns 30 kilometros de Londres, de pouca população, sem nada de notavel em suas edificacões, bastalhe o castello, para possuir uma das maiores riquezas d'arte da Inglaterra.

Uma das coisas que mais chama a attenção do visitante do castello de Windsor é a capella de S. Jorge, construcção ogival do seculo XV, mandada fazer por Eduardo York, sob o desenho de Ricardo Beauchamp, que morreu antes de concluir a obra, tendo esta de ser acabada por Reginald Bray.

N'esta capella estão os retratos dos cavalleiros da Jarreteira

O palacio tem salas que são verdadeiros mu-

seus de pintura onde se podem vêr quadros de Rubens, Van Dyck, Holbein etc. O terraço tem 575 metros de comprimento e largura proporcional; d'elle se desfructa esplendida vista. O parque abrange uma superficie de 100 kilometros e é decorado com estatuas em bronze e em marmore.

Em 1855 houve n'este palacio um incendio cujos prejuizos subiram a oitenta mil libras.

O castello de Windsor foi a habitação predilecta da rainha Victoria e é agora a residência de S. M. Eduardo VII.

Nos bairros de Westminster, Marybone e de Holbora está já assente o programma dos festejos para quando S. S. M. M. forem no dia 17 do corrente ao Guidhall.

O programma da recepção que será feita aos soberanos portuguezes no castello de Windsor é o mesmo que foi observado por occasião da visita do rei de Italia.

Constará de um banquete de gala, de caçadas no parque de Windsor e da representação da comedia «Monsieur Baucaire» em que entrarão Lewis Walier e a sua companhia.

O rei de Inglaterra fará no banquete de gala um brinde referindo-se á cordialidade das relações entre a Inglaterra e Portugal.

No dia 17 El-Rei D. Carlos irá a Londres para visitar a City, recebendo n'essa occasião, além das mensagens das auctoridades de Westminster, de Holbora, tambem as de Paddington e de Marybone.

A mensagem que a «city» apresentará por essa occasião ao rei de Portugal é encerrada n'um cofre de ouro, trabalho de grande valor artistico, sobresaindo nos ornamentos que o revestem, uma figura symbolizando a nação portugueza, representada por uma mulher empunhando n'uma das mãos o astrolabio e na outra o globo terrestre.

As armas reaes portuguezas serão ornadas de pedras preciosas, havendo tambem uma allegoria relativa á alliança entre Portugal e a Inglaterra.

Este cofre foi executado nas officinas dos notaveis cinzeladores El-Kington.

Na ornamentação de alguns bairros haverá inscrições em portuguez extrahidas dos Luzia-

das, bandeiras portuguezas e os escudos das ordens militares de Portugal.

Crê-se, como provavel, que o regresso de SS. Magestades a Portugal será por todo o mez de dezembro.

## Guerra entre a Russia e o Japão

### O INCIDENTE DE HULL

Esta guerra que ficará celebre na historia pelas barbaridades de que se tem revestido em pleno seculo XX, deu motivo a mais um desgraçado incidente que ia complicando a questão de modo grave e quebrando a neutralidade que as potencias tem guardado.

O incidente, como toda a imprensa tem relatado, foi a esquadra russa do Baltico ao passar nas costas de Inglaterra, em 24 de outubro á noite, avistar uma esquadilha de barcos, que tomou por tropedeiros japonezes, segundo declarou o almirante russo, e fazer sobre elles fogo, de que resultou o afundar alguns d'esses barcos e matar sua guarnição.

A esquadilha, porem, era de barcos de pesca inglezes que estavam pescando em Hull. Este desgraçado equivoco, sobresaltou os animos e desde logo tornou mais tensas as relações entre a Inglaterra e a Russia, receiando-se a declaração da guerra por parte da Grã-Bertanha, onde o povo se alarmou chegando a apedrejar a casa da legação da Russia.

O Czar, porem, apressando-se a declarar que todas as satisfações seriam dadas á Inglaterra por tão lamentavel acontecimento, fez acalmar os animos, permitindo entrar-se no caminho das explicações afim de se apurar a verdade dos factos e estipular-se a indemnisação que o governo inglez entender ser-lhe devida.

A occorrença teve logar de noite e os telegrammas disseram que a esquadilha de pesca era composta d'uns oitenta barcos.

## A expedição militar contra a escravatura em Simuco<sup>1</sup>

Foi ainda ao 2.º tenente João Bello que coube a missão de commandar a columna de desembarque encarregada da expedição militar em Simuco contra o commercio de escravatura que ali se exercia em condições as mais barbaras.

As forças desembarcaram na tarde do dia 8 de abril, bivacando em Nandum até que terminado o desembarque da artilheria seguiu esta para o acampamento do engenheiro Paes d'Almeida.

N'esta altura recebeu o commandante das forças sr. tenente Bello participação de que alguns mojos armados se tinham apresentado no acampamento de Paes d'Almeida para negociar a capitulação dos negreiros.

Partindo immediatamente o commandante com parte das forças para o referido acampamento quando ali chegou, encontrou 725 escravos de forquilha ao pescoço conforme representa a nossa gravura publicada n.º 027 d'esta revista, os quaes mandou pôr em liberdade fazendo-lhes saber por meio de um interprete que podiam seguir, querendo para Moçambique nos navios do Estado.

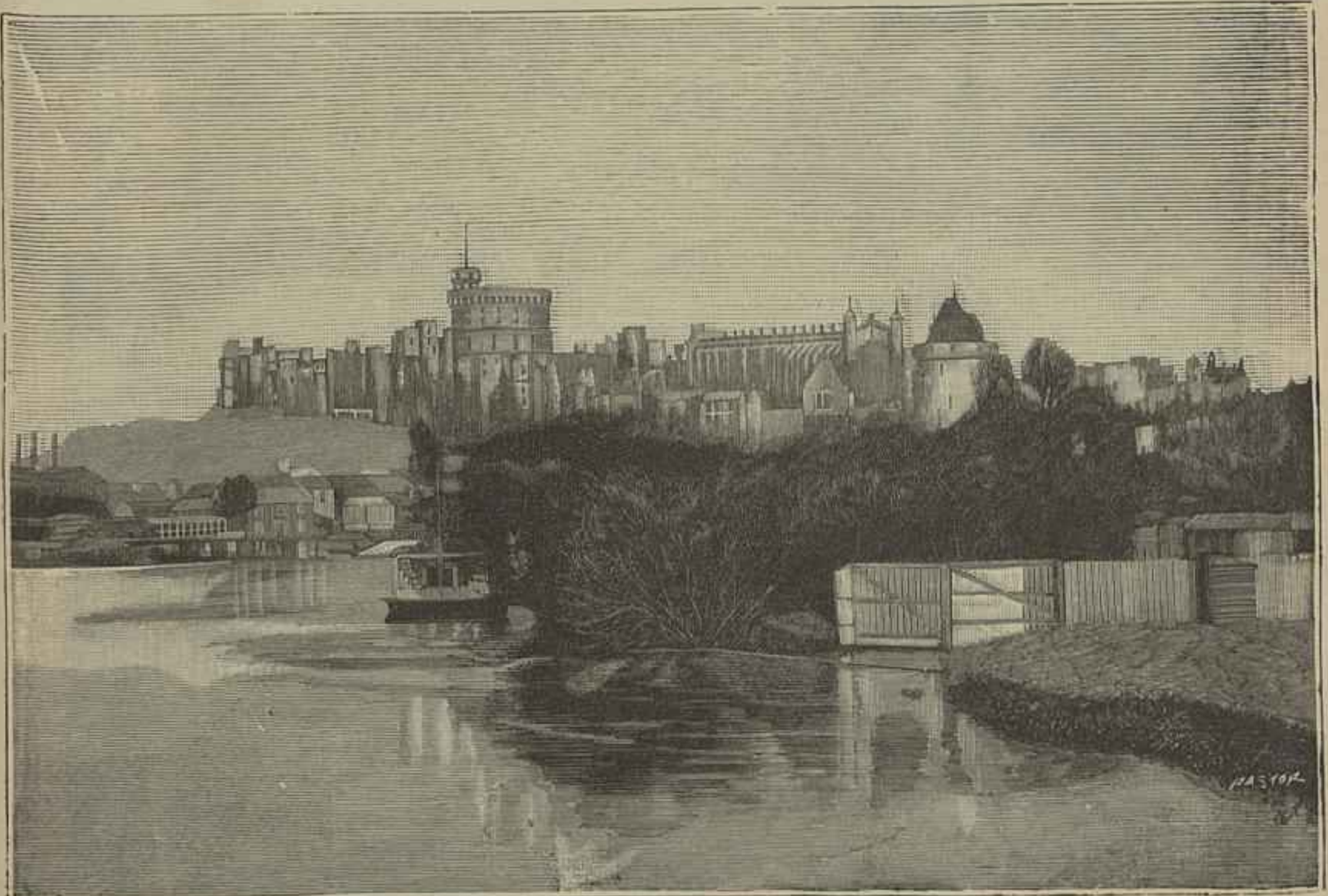
D'este facto levantou-se o competente auto.

Não tendo sido vistos mojos afim de se tratar da capitulação o commandante da columna mandou um dos auxiliares comunicar ao chefe d'aquelles, onde fosse encontrado, que as condições em que seria accete a capitulação consistiam na entrega até ao meio dia do dia immediato dos pangaios, fazendas, armas, polvora, e de suas proprias pessoas.

Seguiu a columna para Simuco onde foram logo aprisionados doze pangaios que se encontravam n'um mucurro, sendo as armas, munições polvora e dinheiro enviados para bordo da flotilha que a esse tempo já tinha estabelecido comunicação com a columna de desembarque.

Reconhecendo-se que a unica retirada provavel dos mojos fosse pela bahia d'Almeida foi

<sup>1</sup> Vid. pag. 318 do presente vol. n.º 027.



CASTELLO DE WINDSOR ONDE VÃO SER HOSPEDADOS SS. MM. OS REIS DE PORTUGAL NA SUA VIAGEM A INGLATERRA



O DESTERRADO — *Escultura de Soares dos Reis*



O «ATELIER» DE SOARES DOS REIS



OBRA DE SOARES DOS REIS EXPOSTAS NO «ATELIER» À DATA DO SEU FALLECIMENTO

# A GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO



O INCIDENTE DE HULL.—A ESQUADRA RUSSA DO BALTICO FAZENDO FOGO CONTRA OS BARCOS DE PESCA INGLESES  
*Cópia de um desenho de Norman Wilson, feito conforme apontamentos de testemunhas presenciaes*

a canhoneira «Chaimite» para ali conduzindo trinta praças do batalhão disciplinar, que, desembarcadas obstarão áquelle ensejo.

Effectivamente os mojos tentaram attingir a bahia d'Almeida, mas foram repellidos pela gente dos regulos favoráveis ás nossas forças dando-se um combate em que ficaram mortos muitos mojos e aprisionados os restantes na totalidade de 123 que foram conduzidos para Moçambique e internados na fortaleza de S. Sebastião.

Para completo exito d'estas operações tornava-se urgente o aprisionamento do regulo Nampuita Muno o qual era temido em extremo pelos seus subditos e respeitado até ao fanatismo pelo terror que se impunha.

A empresa não era facil, porém um acontecimento imprevisto, a appareição de um indigena que foi attrahido ao acampamento revelou ao commandante da columna que o regulo Nampuita Muno se encontrava em Natole, e logo tendo este concebido o projecto de que elle servisse de guia á expedição, mandou preparar tudo para a partida sem que as forças tivessem a menor desconfiança do que se tratava.

Proximo das 5 horas da tarde do dia 10 de abril communicavam ao commandante que Nivalli-Muno irmão de Nampuita havia chegado proximo do acampamento dizendo que vinha pegar-pé.

Como os indigenas a esse tempo tivessem informado o commandante que elle era um dos grandes agentes da escravatura, tomou este todas as precauções afim de evitar que se usasse com Nivalli-Muno de qualquer violencia que determinasse a sua fuga, attrahindo-o por meios suaves e brandos para que elle de nada desconfiasse.

O estratagemas surtiu o effeito desejado e horas depois este terrivel engajador de carne humana dormia o somno da embriaguez com uma sentinella á vista.

As 11 horas e 35 da noite as forças punham-se em marcha chegando a Natole depois das 3 horas da madrugada sendo em acto continuo cercadas todas as palhotas.

O resto das forças de infantaria e de marinha cercavam a povoação pelo exterior respectivamente ao norte e ao sul.

Nas palhotas não se encontrou ninguem, apesar de algumas denunciarem vestigios que ali estivera gente ha bem pouco tempo, porém surpreendidas umas mulheres que iam fugindo soube-se que ellas eram favoritas de Nampuita-Muno, declarando que o regulo havia fugido na noite de 8, quando os mojos por alli haviam passado em fuga desordenada.

Esta ultima declaração não era comtudo verdadeira, mas intimidadas por ameaças confessaram que o regulo estava proximo.

Seguiram as forças para Cuntupé onde se exploraram todas as palhotas sem resultado, sendo afinal o regulo prezo pelos landins perto d'uma pequena encosta.

Havia sido descoberto ao sahir d'uma palhota ali isolada com uma arma em cada mão, sendo uma caçadeira e outra de pederneira.

Tinha um aspecto verdadeiramente feroz, sendo para notar a sua desenvolvida musculatura.

Nesse empenho todos se houveram com o maior zelo e coragem, dando não só um grande exemplo de disciplina como de amor de ver o nome portuguez honrado em toda a força do seu prestigio, como outr'ora o haviam feito os nossos primeiros navegadores.

Com a prisão d'este regulo e de outros auxiliares no commercio da escravatura levou-se o socego áquellas povoações onde os mojos iam buscar os elementos para tão infame trafico.

A alegria dos indigenas foi grande com o aprisionamento do regulo. Viam-se finalmente livres d'aquelle senhor absoluto que os vendia como cães e os maltratava a azorrague, depois de lhes haver roubado tudo quanto possuíam.

extremo desagradáveis, devido á pessima calçada, e incommodava-me aliás uma aguda sensação de frio, em vista do que, acordei de todo, no acto em que o vehiculo, após um tomo mais violento, estacou de vez Rangiam, estridulas, as cadeias dos presos, o vento, rijo, arremessava-me ao rosto os frócos da neve, e notei que esta me cobria totalmente parte do corpo, que ia de fóra da portinhola da carruagem; apalpei em derredor de mim na escuridão, verificando achar-me sózinho no coupé, cuja portinhola se achava, porém, aberta de par em par, e disse comigo:

— Houla! estamos chegados a alguma venda, e a rapaziada não quiz estorvar-me o somno.

Como, porém, houvesse acordado de bom humor, pensei em fazer-lhes uma surpresa, apparecer de chofre na locanda, e n'esse sentido acerquei-me da portinhola para me apear.

Mal havia, porém, assentado o pé no estribo, eis que vem estrugir-me aos ouvidos um: *Alto ahí!* tonitruante.

Foi emitido com voz tão forte e rispida, e lacónico peremptorio a tal ponto, que de assustado estremei.

Esforcei-me por habituar os olhos á escuridão penetrada apenas pelo tenue clarão de uma lanterna, clarão que, segundo se me affigurou, vinha do lado da locanda projectar-se na estrada, mas não conseguí enxergar o individuo de voz estentorea.

Sem embargo, exclamei nas trevas:

— Que quer dizer??

Ao que me responderam, acto continuo e em tom identico ao do *alto ahí*, de inda'gora, as seguintes palavras:

— Recolha-se para o carro e sente-se!

A primeira tentativa, para se apear faço fogo! — Uma! duas!... ouviu-se o estalido da caçoleta d'uma espingarda; antes, porém, de que o ignoto tivesse tempo de contar até três, o que era aliás imminente, alojei-me outra vez no meu cantinho, e não tornei a dar signaes de vida. Conservava os olhos fitos na porta escancarada, e pouco a pouco foram-se-me afazendo a tal ponto á escuridão, que á leve refracção da neve, lobriguei na distancia um muro alto, escuro, estremendo-se com vigor, d'encontro á luz tenue do quarto crescente. D'ali a pouco, julguei destrinçar o vulto de um homem immovel como um poste, e, ao mesmo tempo, prefigurou-se-me, supposto que mui indistinctamente, — que o sobredito me fazia pontaria com uma espingarda. — Predominava, lobrego, profundo socego, apenas interrompido, de onde em onde, pelo lugubre telintar dos grilhões dos meus encerrados vizinhos.

Principiou desde logo a definir-se a meus olhos a situação: os gendarmas haviam ferrado no somno, tentando accordar-me no derradeiro instante, e quando já transpunhamos o portal e elles tinham que se apear, afim de irem transmittir acto continuo a sua participação official.

E acudiam-me á memoria as palavras mencionadas, ouvidas por mim ainda meio a dormir, e sublinhadas com um forte murro na ilharga:

«Vá! Leva arriba! Toca a apear!»

N'essa occasião ainda iria a tempo, agora, porém, cá estava o rato na ratocira, e demais a mais a sentinella — pois que outra cousa não era o individuo da voz de trovão — haveria levado a effeito a ameaça de me pregar um tiro, circumstancia da qual eu estava tão convencido como da incontrovertivel certeza mathematica, de que  $2 \times 2 = 4$ .

Tentei ainda, com tal qual timidez, vir á fala com a sentinella e, muito quietinho, la do meu canto, no tom o mais insinuante que pude assummir, dirigi-lhe o seguinte:

— Camarada! eu não pertenço ao numero destes sujeitos que aqui vão presos, deram-me conducção apenas por condescendencia!

Ao que me retorquiu, lacónico, a sentinella, sem alterar no minimo a attitude respectiva:

— Cale á boca! Depois se verá!

Em vista do exposto, desesti de qualquer ulterior tentativa no sentido de persuadir o corbéro, e á falta de melhor entretenimento, pus-me a pensar no meu destino actual, e no que por ventura me aguardava ainda, e o resultado das minhas cogitações foi a tranquilladora conclusão de que não podiam de modo nenhum engaiolar-me, e apenas, pôr-mo na rua; o chegar-mos a este ultimo resultado, quanto mais depressa possivel, era o meu mais ardente desejo, pois me sentia ir transformando em sorvete.

A coisa não estaria para demora, pois que de subito, se derrama a luz para o interior da carriola, oiço tinar umas chaves e clamar umas vozes cujo som não era de molde a incutir-me confiança. Vi e ouvi, claramente, marchar um piquete de infantaria, cercando um carro, de armas terçadas,

de modo que, nem um rato, quanto mais um galan de ponta de scena, haveria logrado escamugirse. N'este comenos, aproxima-se um individuo rebuçado em amplo capote militar, e com aspecto de official de patente superior, e perfila-se com quatro soldados, portadores de lanternas de furta fogo, á porta trazeira do vehiculo.

Afigurou-se-me ser aquelle o momento mais azado para sollicitar a tão almejada expulsão, e tornei a pôr pé no estribo, entanto com voz mal segura, trémula de frio, dirigia ao official a seguinte allocução.

— Senhor coronel, rogo a V. Ex.ª haja por bem permitir que eu siga meu caminho, não sou merecedor de ser internado aqui, não me compete!

— Acto continuo — eis que um valente bérro me obriga a alapardar-me de novo no meu cantinho, visto como o official — fosse, por lhe corresponder patente mais elevada, e como tal se estomasse de eu lhe dar baixa de posto, fosse por lhe não caber tratamento tão subido, e julgasse que tentava engazupa-lo — o official, repito, berrou-me aos ouvidos; pavorosamente: cale-se, e espere que lhe perguntem! que eu, desestindo de qualquer ulterior reclamação me resignei a esperar, paciente, até que se dignassem interrogar-me, calculando que isso não tardaria a effectuar-se.

Nisto, eis se aproxima um dos gendarmas meus conhecidos e dá a volta á chave da porta do compartimento de ferro, segredando-me, entrementes, o seguinte:

— Se já se viu maior papalvo! Tanto hade fazer, que apanhámos para ahí uns dias de calaboiço!

Não respondi e disse comigo:

— Contanto que me não preguem com os ossos no calaboiço! e encolhi as pernas para cima do banco, afim de facilitar passagem a um preso que ia passando, e de evitar qualquer contacto involuntario com semelhante cafila. Foram retirados do carro, um a um, e entregues á guarda do carcereiro-mór—Companhia selecta, sim senhor! e lindo passeio! Que fisionomias tão patibulares apresentavam aquelles sujeitos! Até que por fim apeou-se o ultimo; o official mandou revistar o vagon á luz da lanterna, para ver se tudo estava em ordem, eis lhe diz dali um soldado: «Com sua licença, senhor inspector, ainda cá está um, assentado, mas vem á solta!» — Chegava-me afinal a minha vez; eu, porém, havia resolvido não tornar a tomar iniciativa por caso algum d'esta vida e apenas responder com lacónica brevidade a quesequer perguntas que me fossem dirigidas, a fim de não protrahir escusadamente a minha tão almejada expulsão!

O digno major, (desta feita achava-me eu inteirado da sua patente) teve a condescendencia de me dirigir, em tom rabujento: «Apele-se. Que vem cá fazer este homem?! Vem mencionados dez, no officio, e com este, prefaz onze! Como é que elle veio aqui parar! Onde está o cabo dos gendarmas?»

O meu amigo furríei, que no andar do dia me tinha pago tantas canecas de cerveja, deu um passo á frente e com voz algo embargada tartamudeou fosse o que fosse respectivo a pés gelados, a compaixão e deveres da humanidade, de esquecimento ao transpor a porta, etc., etc.

O major, contudo, não deu mostras de que actuassem a tal ponto no seu animo os deveres de humanidade, como actuavam no animo do seu subalterno, pois rematou o caso com as seguintes palavras, emitidas em tom um tanto rispido:

— Amanhã, pela manhã, apresente-se a dar a sua parte, transmitirei o caso ao commandante, e dar-lhe-á o castigo que entender. Cabo de esquadra! bradeo, virando-se para um official inferior, tome conta deste homem e ponha-o lá fora do portão!

Dei as boasnoites ao major com a maxima cortezia, cortezia que não foi aliás retribuida. O cabo de esquadra, com ostentosa severidade, agarrou-me por um braço e levou-me, ou antes, arrastou-me para o portão, e com ar de mófa observou: que para quem tinha os pés gelados não me pesavam uma onça! Chamou pelo o chaviculario, para que me abrisse as portas, e abertas que foram, e o cabo de escadra com um valente murro nas costas me houvesse empurrado para a estrada, fecharam-se promptamente e ouvi ranger os ferrolhos.

E para ali estava eu, outra vez, involto nas trevas (não pudera orientar-me de quantas horas seriam), aqui, cortava para a esquerda uma estrada, acolá, seguia outra para a direita; qual seria a verdadeira estrada de W? Por onde viéramos nós ali ter, e por qual dellas me convinha tomar? E, questão de muita mais peso ainda: quem me poderia responder a estas perguntas? Ir bater outra vez á porta, nem havia que pensar em tal; e daí, estava convencido de que, por melindre,

## UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR  
Ludwig Nötel

Volvido um anno

(Continuado do numero 980)

Voltei, pois, a ferrar no somno, em seguida áquella breve interrupção, mas d'esta vez com menor tranquillidade, e menos profundamente; verdade seja, a carriola dava uns solavancos em

me não dariam resposta acertada. E agora, que havia de fazer?

Tentei orientar-me procurando o centro da estrada, a ver se toparia com alguma barreira, algum poste indicador ou marco miliar; mas apenas dei um passo, eis que me sinto fortemente agarrado pela roda da capa. Não sou dos mais medrosos, ou dado a superstições, pois disponho de sufficiente animo para ir sózinho, ainda que seja até ao inferno; mas se quer que lhe diga, senti um calafrio pelas espínha!

—Quem é que me agarra? perguntei, afinal, em voz tremula.

E nada de resposta, silencio sepulchral, em derredor de mim. Tentei voltar pouco a pouco a cabeça e conformei-me... em como estava rés-vés com o portão da cadeia e que um panno do «Talma» ficara preso na fissa dos pesadissimos postigos e eu, como se costuma dizer, intalado entre o martello e a bigorna!

Em taes circumstancias não tinha por onde optar, a não ser o trupar á porta, como um damnado, com os tacões das botas e os cotovellos, a ver se sacudia o porteiro.

Decorrido um bom pedaço — que digo eu, um pedaço — finalmente ouvi os passos de boi do porteiro e perguntam-me lá de dentro:

—Quem está ahí e que quer?

Ao que eu respondi, solicitando com a maxima humildade, que me abrisse a porta apenas o bastante para que eu pudesse desentalar a minha capa, que elle, ainda agora, tivera a bondade de intalar entre os postigos; descerrou-se um tanto a porta, e consegui afinal restituir a liberdade ao meu talma. Fiz nova tentativa para com a pessoa do claviculario, perguntando-lhe, muito urbano, qual era o verdadeiro caminho de W; e como a porta houvesse voltado a fechar-se, fi-lo pelo buraco da fechadura. Acto continuo, veiu attingir-me os ouvidos o seguinte berro: — Esquerda! voltando outra vez tudo a cair no silencio, e ficando eu tão adiantado como dantes!

Mas desta feita não tinha que me durar muito a incerteza, pois que, ainda bem eu não havia alcançado o meio da estrada, mirando para a esquerda e para a direita, eis que lobrigo na estrada que cortava aquella em linha recta uma luz, lá ao longe, que, a não me illudir a minha vista, caminhava para mim, devagar. Fixei-a com muita attenção, até me não restar duvida em como effectivamente se approximava, e não tardei em ouvir o rostilhar das rodas sobre a endurecida neve; dali a instantes — oh! ventura! verifico ser a mala-posta, que para mim avançava.

Chamei o postilhão, rogando-lhe que parasse por um instante, a dar-me informação exacta respectivamente ao verdadeiro caminho de W., e a resposta, foi que a carruagem seguia para ali e, que se eu quizesse poupar as pernas, tratasse de subir para o coupé, muito embora não pudesse pagar. Confrangia-o a idéa de eu ter que galgar, a pé, o caminho, por noite tão escura e tão fria. Contente e grato aceitei o offerecimento, e fui-lhe dizendo que o meu desejo era aproveitar da sua bondade, até onde fosse compatível, sem que isso lhe trouxesse complicações de serviço, visto que levavamos o mesmo destino.

—Deixe lá, retorquiu, com uma noite tão fria, não tenho que me arreacar dos fiscaes; e demais, não levo passageiros, já vê pois que pode ir descançado até chegarmos a W: quando lá nos acharmos, preveni-lo-ei para se apeiar.

E ali ia eu que nem um principe!

—Dentro da carruagem, supposto não fosse demasiado o calor, disfrutava-se ainda assim um tal ou qual cônhego e, demais, ia á vontade.

Rompera o dia, havia já um bom pedaço, quando o postilhão veiu avizar-me para que me apeasse, e, em seguida a eu lhe haver manifestado a minha gradidão, lá se foi a caminho da cidade, que já se avistava, a pouca distancia, para a qual eu, pela minha parte, me dirigi tambem, restauradas as forças, e em melhor disposição de espirito.

(Continúa)

M. Macedo

## O ROSQUEDO

Scenas da vida da provincia, por Delfim Guimarães — (Ponte do Lima — Minho), 1904 — Livraria Guimarães & C. — Lisboa.

Acabámos de lêr não ha muitas horas este bem tracejado romance, original de um escriptor de nome já feito como poeta, prosador e dramaturgo. Delfim Guimarães, se chama o auctor do *Rosquedo*, que, n um estylo muito primoroso,

posto que simples e despreoccupado, nos apresenta umas scenas minhotas muito interessantes, concluindo o romance d'uma forma completamente moderna. Que não fosse outro o merito da obra, o final d'ella, pelo imprevisto e pela novidade que nos traz, fugindo ao ramerrão dos conhecidos e gastos fechos de romances, seria por si só uma prova segura para ajuizar bem do talento de seu auctor.

Ha em todos os typos d'esse bem architectado romance um cunho especial que lhes dá realce. O titulo — *O Rosquedo* — é explicado pela acção do romance desenrolada n'um bello volume de trezentas e vinte paginas nitidamente impressas em um magnifico papel superior, que o destaca sobremaneira dos outros volumes da *Collecção Horas de Leitura* a que este pertence sob o numero 18.

Pela modica importancia de duzentos réis se adquire este bello romance, que pôde enfileirar-se ao lado dos melhores escriptores, sem que deslote.

Nós podiamos muito bem dizer aos nossos amaveis leitores qual o entrecho do romance; mas para quê? A uma os editores não ficariam muito contentes com a nossa indiscreção; por outro lado tiravamos aos leitores o grato prazer da leitura do romance que — diga-se em abono da verdade — é um dos mais bem escriptos que ultimamente têm apparecido a publico.



DELFIN GUIMARÃES

A Delfim Guimarães — de quem o *OCCIDENTE* se honra com a inserção do retrato — os nossos sinceros parabens por este seu novo trabalho, acompanhados dos nossos agradecimentos pelo exemplar que teve a amabilidade de enviar-nos com uma captivante dedicatória.

Lisboa, v — x — CMIV.

Henrique Marques Junior.

## O MEZ METEOROLOGICO

Outubro 1904

Barometro: — Altura maxima 768,<sup>mm</sup>4 em 17.

» minima 753,<sup>mm</sup>0, em 23.

Thermometro — Maxima 30,<sup>o</sup> em 6.

» Minima 11,<sup>o</sup> em 4.

A maxima observada em 6, foi a mais elevada que em outubro, se tem registado desde 1893. Desde a fundação do observatorio, em 1854, só duas vezes, o thermometro subiu acima de 30<sup>o</sup>, em outubro. Em 3, a maxima não excedia 18<sup>o</sup>,4, descendo, em 4, a minima, a 11<sup>o</sup>,0, com um maximo de 22<sup>o</sup>,1. Em 5 elevou-se a maxima a 28<sup>o</sup>,2, e em 6, a 30<sup>o</sup>. Em todo o mez, a temperatura ficou sempre, superior á normal. O calor persistiu todo o mez, sem cessar, o que fazia receiar algum abalo de terra.

Chuva. 38<sup>mm</sup>,4, divididos por 7 dias (22, 23, 24, 25, 26, 28, 30). Um unico dia de chuva notavel, em 28 (17<sup>mm</sup>,7).

Vento. N até 3, NE de 4 a 13, SW em 41, NE até 21 e SE de 22 ao fim do mez.

Céu. Limpo ou algumas nuvens, 15 dias.

» Nublado, 14.

» Encoberto, 2 dias.

Relampagos em 14, 23, e 24.

Trovoões em 23, 24 e 28.

Trovoada em 25.

Halo da lua em 26.

Nevoas, em 16, 17 e 27.

Arcos iris, em 28.

## NECROLOGIA

DR. MANUEL EMYGIDIO GARCIA (1)

Mal curado d'uma aguda dor, que a morte inesperada do amigo me causou, volto a dizer delle. Com prazer? não sei; com a imposição d'um dever.

Havia em Coimbra cinco homens que intimamente se ligavam por um pensamento que lhes dominava toda a alma — o amor á liberdade. Esses homens eram — José Falcão, Correa Barata, Emydio Garcia, Bernardino Machado e quem estas linhas assigna.

Todos a essa deusa sacrificaram, com grande prejuizo pessoal. A' excepção de Bernardino, que veiu ao alto, trazido pelo pulso de Fontes e que a morte deste levou para o ostracismo, donde elle sae agora pela força d'uma revolta nunca assaz louvada; á excepção de Bernardino, o stygma do repudio marcou-os a todos. A altivez de Falcão, a consciencia de Barata e a doçura de Garcia, eram e são incompativeis com a atmosfera politica. A sua irreductivel firmeza, defendendo a liberdade, incompatibilisava os a todos.

Barata, no *Seculo*, abriu brechas intapaveis no espirito reaccionario da epoca. Para o combater, viera a faculdade de theologia com as conferencias religiosas de Motta Veiga, na Sé de Coimbra, e com a *Revista de Theologia*, colaborada por esse grupo de famosos doutores da igreja.

Garcia, na *Correspondencia de Coimbra*, pulverisava as conferencias da Sé, negando-lhes tudo; — até a originalidade, pondo, materialmente, em evidencia os plagios mais grossos em que nem os erros de impressão foram attendidos.

Poucas vezes, neste paiz ou n'algun, se terá tido victoria igual.

Não é inoportuno recordal-o. A' conquista de Roma e queda do poder temporal do papa, respondia Pio IX proclamando em concilio o dogma da infalibilidade.

Desse vigoroso movimento de reacção, irradiando de Roma, nascia uma propaganda cerrada que pretendia revolver todo o mundo catholico. Um corpo disciplinado de missionarios corria os campos, as aldeias, procurando levantar o povo, chamado a um protesto á mão armada. Provocavam-se as instituições liberaes, obrigando-as á insurreição contra a Italia irridenta, ou a cair na voragem da guerra civil.

A França ao momento, presidida por MacMahon, não quiz esperar pelo effeito da propaganda clerical, pretendendo anteceder-a. Fosse o effeito de crenças, fosse a sugestão de familia, MacMahon fez-se eco das ambições do Vaticano, e nas dobras do seu manto presidencial pretendeu levar a liberal França.

Gambeta, com essa coragem e firmeza que causaram assombro em todo o mundo, protestou, do modo mais violento, contra esse procedimento presidencial, que classificou de alta traição.

A camara foi dissolvida, apoz o celebre — *submete-se ou demite-se* de Gambeta. O paiz, consultado, apesar de todas as violencias d'um poder despotico e militar, remeteu para a camara precisamente os mesmos deputados que o repto de MacMahon expulsara, por uma prerogativa presidencial. Os missionarios, corridos e perseguidos, pasaram a fronteira franceza.

Em Portugal a onda negra lastrou com não menos furia e largueza. Poucas seriam as povoações onde não chegasse a voz incendiaria da sotaína, pondo, ante as almas fracas e supersticiosas do povo, quadros de milagres os mais estravagantes e absurdos, com o fim de sublevar as massas contra os golpes do liberalismo, que ousavam attingir a propria — sagrada, inviolavel e infalivel cabeça do catholicismo.

Veiu, tambem forte e decisiva, a revolta da familia liberal, produsindo, ainda de modo mais

(1) Falleceu em 15 de outubro de 1904.

directo e summario, os mesmos effeitos obtidos em França.

Foi em Coimbra que se iniciou esse movimento, e foi Emygdio Garcia a alma desse energico e saudavel protesto. Vivem ainda alguns dos mais importantes personagens que o dirigiram.

Era na igreja do austero convento de Santa Thereza, em Cellas, que se tinham instalado dois missionarios italianos. Todas as tardes havia missão, e era extraordinaria a concorrencia que ali se reunia.

Quem estas linhas escreve passeava, com alguns amigos, entre os quaes José Falcão e Correia Barata, na rua principal do Jardim Botânico. A procissão de gente endomingueirada que subia a rampa de Sant'Anna, caminho de Cellas, impressionou. Soube-se que iam para a missão. Alguem contou alguns episodios, narrativas feitas pelos italianos. Eram verdadeiramente estupendas, e o facto de se fazerem em Coimbra escandalisava. O signatario desta prosa, que consola pela recordação, deixou os amigos e seguiu para Cellas. Assistiu á missão e ouviu a seguinte narrativa:

«N'uma cidade de Hespanha (Malaga, se a memoria nos é fiel), em casa de pessoas fidalgas e abastadas, dois meninos costumavam pedir, todos os dias, a sua merenda, e iam com ella para a sala de jantar. Estendiam sobre a mesa os guardanapos, punham-lhes em cima as eguarias e acenavam para um painel, pendurado n'uma das paredes.

«Nesse painel estava pintada a Virgem com o Menino ao colo. O menino, ao aceno, sahia dos braços da mãe e vinha comer com as duas crianças, em alegre convivio!»



DR. MANUEL EMYGDIO GARCIA

N'essa noite, em casa de Emygdio Garcia, com a assistencia de grande numero de liberaes, foi resolvido para o dia seguinte o magestoso comicio de protesto, que se celebrou no theatro de D. Luiz.

Emygdio Garcia foi, como dissemos, a alma deste movimento, porque é indiscutivel o fogo do entusiasmo que a sua palavra inspirada produziu n'uma assembleia, talvez a mais numerosa que até esse tempo se tivesse reunido na Atenas Portuguesa!

Sahiu d'ahi uma immensa procissão civica, levando na frente o grande tribuno. Encaminhou-se ao passo episcopal, e ahi foi feito, nos termos mais delicados, mas tambem mais decisivos, o requerimento da sahida immediata de Coimbra dos dois charlatães italianos. Dias depois, fundava-se a Associação Liberal de Coimbra, a primeira do paiz, e o reflexo da conducta do partido liberal ali, produzia, em todo o paiz, uma acção uniforme e completa.

A causa vencia por toda a parte, dirimida apenas no terreno dos partidos. D'um modo mais brilhante do que em França, do que em parte alguma.

E' bom e é justo que o partido liberal portuguez recorde estes factos, que pelo esquecimento certamente, não conseguiram, ao menos na morte, trazer esse partido, em homenagem, junto do mais forte dos seus defensores, nos ultimos tempos passados.

Ficam ahi, entre tantas, algumas notas desse grande espirito, que, na sua grandeza, só pode comparar-se ao seu coração.

Lisboa, outubro de 1904.

A. Zeferino Candido.

## LOJA DO LOPES

(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO  
MODAS E ATELIER DE MODISTA  
espartilhos barba direita, Modelo EVA HUBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

Momens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

**Caixa Geral de Depositos**  
e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adiantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilizados perpetua ou temporariamente. — Empréstimos a curto prazo sobre penhor dos mesmos titulos. — Empréstimos a corporações administrativas. — Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha. — Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em c/c de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, prazo e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portuguesa

Depositos vencendo juros de 3,60 por cento ao anno capitalizados annualmente.

Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1.000.000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3.000.000 réis.



LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle  
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,  
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal



ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

**Gomes Costa**

Cirurgião dentista especialista

Direct. da bocca a cor. das def. nasas,  
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

**Almanach illustrado do «Occidente»**

PARA 1905

Está a sahir a publico este annuario, illustrado profusamente e com uma linda capa em chromo: Uma mulher do Minho. Recebem-se encomendas.

Preço 200 réis

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa

**Atelier Photo-Chimi-Graphico**

**P. MARINHO & C.ª**

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

**Atelier Photographique, FRAGA**

Largo da Abegoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres; depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle; par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats por les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol